Mandukya Upanishad [1] [2]

1. Introdução de Shankaracharya [3]

O presente tratado revela os meios de se atingir um [O] fim, ou seja, o Auto-conhecimento. Isto satisfaz, ainda que indiretamente, a característica de um tratado vedântico: indicar o assunto a ser discutido e o fim a ser alcançado.

Qual é, então, o fim maior a ser alcançado na vida? O Atman, quando se identificando à condição humana, percebe a multiplicidade do mundo em decorrência da dualidade sujeito-objeto. Quando a referida dualidade é destruída, o Atman percebe a si mesmo como independente da miserável condição humana. A realização da Não-Dualidade é o fim maior da vida humana. A multiplicidade, oriunda da dualidade, é produzida por avidya (ignorância); ela é destruída por Vidya (o Conhecimento de Brahman). Este tratado foi elaborado objetivando revelar o Conhecimento de Brahman.

O primeiro capítulo, com sua ênfase em textos védicos, é dedicado a determinar o significado da sílaba OM (AUM), através do que se pode conhecer a essência do Atman. O segundo capítulo procura estabelecer, através da razão, a irrealidade da dualidade. O objetivo do terceiro capítulo é demonstrar, através da razão, a verdade sobre a Não-Dualidade, ao ser destruída a visão dual da realidade. Por último, o quarto capítulo objetiva a refutação de outras escolas de pensamento, antagonistas dos Vedas e oposta ao Conhecimento da Realidade Não-Dual, ao apontar a insustentabilidade delas, quando considera as contradições mútuas presentes nesses sistemas.

2. Texto Integral [4]

INVOCAÇÃO

---

[1] Síntese-reprodução do Capítulo 7, Mandukya Upanishad, do livro As Upanishad, de Carlos Alberto Tinôco, publicado em São Paulo, pela IBRASA, em 1996. De responsabilidade de Antônio José Botelho.

[2] George Feuerstein, em A Tradição do Yoga, publicado em São Paulo, pela Editora Pensamento, em 2006, à pagina 265, disserta: "O Mandukya-Karika é uma brilhante exposição filosófica das idéias que se encontram no Upanishad de mesmo nome. Com efeito, a obra ... foi considerada a primeira a expor sistematicamente a metafísica não-dualista dos Upanishads. O Mandukya-Upanishad afirma que, mesmo que um homem não seja capaz de estudar os 108 Upanishads, conseguirá ainda alcançar a libertação se estudar a fundo o Mundukya, pois ele contém a essência de toda a sabedoria upanishádica".

[3] Transcrito por Tinôco do livro The Upanishad, de Swami Nikhilananda, publicado em New York por Ramakrishna-Vivekananda, em 1990.

[4] Ainda Feuerstein, com um pequeno intróito ao texto integral, reproduzido da mesma página da nota de roda pé n° 2 acima: "O *Mandukya-Upanishad* inteiro, compreendendo meros doze versículos, é uma exposição do simbolismo esotérico da sílaba sagrada *om*. Em geral, esse antigo mantra é concebido como composto de quatro unidades (mâtra) – *a*, *u*, *m* e o eco nasalizado no som *m*. Esses quatro mâtras são simbolicamente correlacionados aos quatro estados básicos de consciência, que são a vigília, o sonho, o sono profundo e o estado transcendental, chamado o "Quarto" (*caturtha*, *turîya*)...Esse Yoga se resume na radical prática não-dualista de permanecer-se identificado ao Si Mesmo ou mergulhado n'Ele, sem entrar em contato com o chamado mundo objetivo nem deixar-se contaminar por ele".
Ilustrando complementarmente, agora com Mircea Eliade, em Yoga: Imortalidade e Liberdade, publicado em São Paulo, pela Editora Palas Athena, em 2004, à página 111: "Apesar de retomar as especulações upanixádicas, a Mandukya oferece pela primeira vez um sistema de relação entre os estados de consciência, as letras místicas e, como bem apontou Heinrich Zimmer ... os quatro *yuga*....a Mandukya marca o triunfo de um longo trabalho de síntese, a saber, integração de vários níveis de referência: upanixádico, yóguico, místico, cosmológico."

OM...
Com os nossos ouvidos, ouçamos o que é bom.
Com os nossos olhos, contemplemos vossa integridade.
Tranqüilos no corpo, possamos nós, que vos veneramos, encontrar descanso.
Om... Paz – Paz – Paz.

1

HARI OM! Om, esta palavra representa o todo universal visível. Sua explicação é a seguinte: tudo quanto ocorreu, está ocorrendo e ocorrerá, em verdade tudo isso é o som OM. E o que está além desses três estados do mundo temporal, isso também, em verdade, é o som OM.

2 [5]

Tudo isto (dito com um gesto do braço, indicando o universo que nos rodeia) é Brahman. Este Atman (colocando a mão sobre o coração) também é Brahman. Este Atman tem quatro partes (pada). [6]

3

A primeira parte [7] é *Vaishvanara*. Seu campo de definição é o estado ou consciência de vigília, a consciência dos objetos externos. Essa consciência está voltada para fora através das portas dos sentidos. Tem sete membros e dezenove bocas, que é o desfrutador (*bhuj*, come, se alimenta) da matéria grosseira (*sthula*). [8]

4

A segunda parte do Atman é *Taijasa* (o Resplandescente). Seu campo ou estado de consciência é o estado de sonho. Essa consciência está voltada para dentro. Tem sete membros e dezenove bocas, que é o desfrutador de objetos sutis (pravivikta – o selecionador, o requintado, o que é incomum). [9]

5

Quando aquele que dorme não deseja nada desejável nem percebe nenhum sonho, isso é o sono profundo (susupta). O Conhecedor, cujas experiências se tornaram unificadas nesse campo de sono sem sonho, é a terceira parte do Eu, é o terceiro estado de consciência. Esse estado de consciência é o Prajna. Ele é uma massa indiferente (ghana) de consciência que consiste em grande beatitude e se alimenta de bem-aventurança

---

[5] O verso 2 representa para Tinôco a equação fundamental das Upanishads: Brahman = Atman. Realmente, esta é a percepção deste sintetizador-reprodutor com o apoio adicional de Feuerstein conforme expressam suas palavras na nota de roda pé n° 2. Para Tinôco, este verso 2 expressa, ainda, junto com sexto verso, sobre as qualidades de Atman (Purusha)/Brahman da imanência, da transcendência, da infinitude, da eternidade, da bem-aventurança, do poder absoluto de criar, de governar e de extinguir o cosmo. Sugiro que leia imediatamente o verso 6, retornando ao verso 3, após refletir. Vide o capítulo 11, O que ensinam as Upanishads, do livro citado de Tinôco.
[6] Cruzando o verso 1 com o 2, pode-se inferir que, respectivamente, "...o que está além desses três estados do mundo temporal..." seja igual ao que está metafisicamente assentado no coração!
[7] Julgo seja o primeiro capítulo do comentário de Shankaracharya. E, assim sucessivamente, toda vez que o texto integral usar a palavra parte. Na realidade, os termos se confundem com os estados de consciência.
[8] Este estado é aquele que este sintetizador-reprodutor entende ser o produtor da natureza egóica dos seres sencientes.
[9] Observar que tanto a matéria grosseira quanto os objetos sutis são desfrutados pelas mesmas dezenove bocas e pelos sete membros.

(como os estados de consciência anteriores se alimentam do grosseiro e do sutil). Sua única boca é o espírito (cetomukha).

6

Este é o Senhor de Tudo (sarvesvara): o Onisciente (sarvajna); o Governante Interior (antaryami); a Fonte (yoni) de tudo. Este é o começo e o fim de todos os seres. Nele, os seres se originam, nele, os seres finalmente desaparecem.

7 [10]

O que é conhecido como quarta parte é *Turya*: Turya não é a consciência que está voltada para fora nem a consciência que está voltada para dentro, nem é as duas coisas reunidas; não é uma massa indiferenciada de consciência adormecida; não conhece nem desconhece porque é invisível, inefável, inatingível, indescritível, destituída de características, inconcebível, indefinível, tendo por essência única a segurança do seu próprio Eu (eka-atman-pratyayasara); a pacificação de toda existência diferenciada e relativa (prapanca-upasama); a completa quietude (santa), a cessação de todos os fenômenos; é todo paz e bem-aventurança, não dual, sem segundo (advaita). Este é o Ser (Atman) que deve ser realizado.

8 [11]

Este mesmo Ser (Atman), é agora descrito como a sílaba OM (AUM); as quatro partes acima descritas do Eu são idênticas aos componentes de sílaba, e os componentes da sílaba são idênticos às quatro partes do Eu. As letras da sílaba são A, U e M.

9

Vaishvanara, o estado de consciência comum a todos os homens – cujo campo de definição é o estado de vigília – é o som A, a primeira letra de AUM, porque tudo abarca e é o primeiro. Quem assim sabe (ya evam veda) abrange todos os objetos desejáveis e se torna o primeiro dentre os grandes.

10 [12]

---

[10] Neste verso 7, Tinôco entende que a Upanishad discorre sobre a possibilidade de se poder conhecer Brahman, Atman (ou Purusha), através do Yoga e sobre a impossibilidade de se conhecer Brahman, Atman (ou Purusha), através dos sentidos corpóreos, da racionalidade, do estudo dos textos védicos, da prática de rituais e sacrifícios. Vide o capítulo 11, O que ensinam as Upanishads, do livro citado de Tinôco.
A possibilidade, julga este sintetizador-reprodutor, está representada exatamente pela consecução do Samadhi, factível de realização pela prática do Yoga [quer seja nessa existência – admitindo este espaço-tempo - ou nas milhares de oportunidades que o Samsara determina junto ao porvir até a conquista da libertação]. Apesar desta colocação do sintetizador-reprodutor, não está claro ainda, frente ao seu nível de conhecimento, a relação do Yoga, enquanto filosofia dual, com esses ensinamentos vedantinos. Eliade confirma no livro já citado, à página 112, essa percepção: "O quarto estado, turiya, corresponde ao samadhi; é a situação do espírito total, sem nenhuma especificação, totalidade que, ao nível cosmológico, representa um ciclo completo compreendendo tanto os quatro yuga como período atemporal de reintegração na unidade primordial. Turiya, samadhi, representam o Espírito em sua unidade não diferenciada". Está claro essa interpretação para este sintetizador-reprodutor caso associemos, por exemplo, a kali yuga ao estado de consciência de vigília, onde predomina toda a força dos gunas de maya, transitando até a liberação em vida com a compaixão associada ao Krita yuga, onde deve predominar um contexto sattávico, ao Silêncio do quarto estado, dito Turiya. Vide notas de roda pé n°s 22 e 23.
[11] Deste verso até o final, isto é, do verso oitavo até o verso décimo segundo, Tinôco entende que o Upanishad descreve sobre a sílaba sagrada OM (AUM), que representa Brahman. Vide o capítulo 11, O que ensinam as Upanishads, do livro citado de Tinôco.

Taijasa (o Resplandescente), cujo campo de definição é o estado de sonho, representa o som da letra U, porque é o estrato dos outros dois, contendo suas qualidades. Quem assim compreende, obtém Conhecimento Superior; em sua família, ninguém nasce ignorante de Brahman.

11

Prajna (o Conhecedor), cujo campo de definição é o sono profundo, é o som da letra M, porque é a medida na qual tudo entra, tornando-se uno. Quem assim sabe, é capaz de medir tudo e contém tudo dentro de si mesmo.

12 [13]

Turya é o quarto estado cujo campo de definição é destituído de som e sem partes, não está relacionado a nada[14]; é a cessação dos fenômenos; é impronunciável; é o repouso último de todas as manifestações diferenciadas, é pacífico e bem-aventurado, não-dual. OM (AUM) é verdadeiramente o Atman. Quem sabe isto, une o seu Ser com o Atman – sim, quem sabe isto. [15]

3. Comentários [16]

O primeiro verso sugere a existência de duas esferas ou planos de existência: a) o plano material e visível, onde as manifestações temporais e espaciais surgem e desaparecem; b) o plano transcendente e intemporal, o plano do Ser imperecível, insondável pela razão, situado acima e ao mesmo tempo, identificado com o primeiro. Ambos são simbolizados pela sílaba OM. [17]

O segundo verso apresenta a doutrina da não-dualidade. A essência dos fenômenos macroscópicos é idêntica à dos fenômenos microscópicos. O complexo universo com todas as suas manifestações, abrangendo do grosseiro ao sutil, a vida e sua

---

[12] Tinôco assegura que este verso o Upanishad descreve sobre Avidya (ignorância) e Maya (ilusão que o mundo produz através dos sentidos). Vide o capítulo 11, O que ensinam as Upanishads, do livro citado de Tinôco. Para este sintetizador-reprodutor, frente ao seu nível de conhecimento, a colocação de Tinoco não está clara. O raciocínio talvez não seja lógico a ponto de dizer que na dimensão do sonho Maya não ocorre, porque ocorre, supondo a razão, exatamente no estado de vigília.

[13] Tinoco assegura que do segundo verso até este último, portanto, quase-todo o Upanishad trata sobre a mente (origem, estrutura, relação com o Atman) e sobre os estados de consciência. Vide o capítulo 11, O que ensinam as Upanishads, do livro citado de Tinôco.

[14] Talvez aqui possa residir convergência com o conceito budista de nadidade.

[15] Mais uma vez Feuerstein, numa consideração conclusiva ao texto integral, igualmente reproduzida da mesma página das notas de roda pé n°s 2 e 4: "Do ponto de vista do Si Mesmo, que é Uno e não tem segundo, não pode haver contato com espécie alguma com coisa alguma. Não há nem dentro nem fora, nem há múltiplos seres ou objetos que pudessem ser contatados através dos sentidos. Só a mente não-iluminada, que distingue entre sujeito e objeto, é capaz de conceber a separação e a união, o afastamento e o contato. É essa suposta separação entre nós e os outros seres que nos causa muita ansiedade. Onde não há dualidade, também não há medo. [Esse] Yoga...é a realização desse estado intemerato, o "Quarto", que não é outra coisa senão o próprio Si Mesmo onipresente. Pode ser alcançado a cada momento em que a mente é obrigada a desistir da ilusão de que existe um mundo de multiplicidade fora de si própria e, em vez disso, é levada a repousar no estado natural de Ipseidade...".

[16] De responsabilidade de Carlos Alberto Tinôco, com apoio de Heinrich Zimmer.

[17] Este sintetizador-reprodutor não consegue perceber a situação em que no quarto estado de consciência esse som primordial cessa, se ele próprio se identifica com Brahman que é não-nascido e eterno. Vide nota de roda pé n° 23.

complexidade, podem ser abordados a partir do interior da consciência humana, ou a partir de fora.

No terceiro verso há referências ao estado de vigília, o estado de consciência do homem integrado ao mundo fenomênico. A referência ao número [de] sete [membros] é obscura. [Mas os] membros do Atman Universal [são]: a) a cabeça (o céu); b) o olho (o sol); c) a respiração (o vento); d) o torso (o espaço); e) os rins (a água); f) os pés (a terra); g) a boca (o fogo). [Essa] explicação é um pouco forçada, embora forneça a idéia básica. As dezenove bocas referidas no texto, são identificadas como sendo os cinco sentidos (jnanendriya), [18] as cinco faculdades de ação (karmendriya), que são a fala, a ambição, a locomoção, a reprodução e a excreção; os cinco tipos de Prana (Prana, Apana, Udana, Samana e Vyana) e os quatro componentes da mente ou seja: u) manas, a mente; v) buddhi, a faculdade de decidir; x) ahmakara, o ego; z) chitta, a substância mental. [19]

O quarto verso se refere ao Eu que sonha, contemplando os objetos sutis, luminosos, magicamente evanescentes e belos, no mundo situado por trás das pálpebras. Taijasa se alimenta das recordações oníricas, assim como Vaishvanara se alimenta dos objetos grosseiros do mundo. Seus "membros" e "boca" correspondem aos daqueles que desfrutam a consciência de vigília.

O quinto verso é a culminância do texto. Descreve a glória do Prajna, o "Conhecedor", Senhor da consciência do sono sem sonho. É o terceiro campo ou estado de consciência.

O sexto verso é mais profundo. Faz referência ao Eu real que finalmente tem que se conhecer. É o quarto estado ou nível do Eu, situado além do nível do sono sem sonho.

O sétimo verso diz que cada um dos níveis de consciência dissolveram-se[20] um no outro, à medida que a ampliação do discernimento se deslocava[21] de um nível para o seguinte. Os quatro níveis ou estados de consciência, reunidos, constituem o conjunto da existência de "quatro pés", "bem afirmada", solitária, que é o Eu (Atman). Cada nível está apoiado sobre as mesmas bases dos anteriores. Nessa viagem espiritual, a ênfase dada ao mundo exterior se desloca para o interior da consciência. Os estados inferiores e os superiores coexistem.

Os cinco últimos versos analisam os quatro estados de consciência, as quatro partes ou quatro pés do Eu, relacionando-os com a sílaba OM, idêntica ao Eu. OM pode ser examinado como AUM [22]. A = estado de vigília; U = estado de sonho; M = estado de sono

---

[18] Heinrich Zimmer informa, em Filosofias da Índia, publicado em São Paulo, pela Editora Palas Athena, em 2005, à página 263, que "as forças sensoriais da percepção são (a partir da mais sutil e delicada até a mais tangível e grosseira): 1. a audição, que se realiza por meio do ouvido; 2. a visão, que se realiza por meio dos olhos; 3. o olfato, que se realiza por meio do nariz; 4. o paladar, que se realiza por meio da língua; 5. o tato, que se realiza por meio da pelo. Estas são as cinco forças sensoriais do conhecimento (jnanendriya), que nos organismos vivos provocam a atitude que come ou goza (bhoktr)...".

[19] Tinôco nos lembra que chitta é a substância que o Yoga tem por objetivo aquietar, de acordo com os Yoga Sutras de Patânjali, no seu segundo sloka do Livro I.

[20] Ou, dissolvem-se!? Adotando uma perspective espaço-temporal presente!

[21] Ou, se desloca!? Idem acima. Uma verbalização para expressar o provir também poderia ser aplicada, respectivamente. Em ambos os casos, poder-se-ia estar incorrendo em avidya, isto é, numa percepção de mundo pela multiplicidade da dualidade sujeito-objeto. Diz-se que na dimensão do Absoluto, do Silêncio, ou do Nada, não há passado, presente ou futuro, convalidando o atributo divino da onipresença.

[22] Mais uma vez citando Eliade, no livro já mencionado, ainda à página 111: "De fato, [se] a primeira estrofe da Mandukya proclama o mistério e a grandeza de OM: esta sílaba é o Tudo. Ora, o Tudo é o *brahman*, que á *atman*, tem quatro quartos...; de outro lado, também se podem distinguir quatro elementos na sílaba mística: as letras A, U, M e a síntese final, o som *OM*. Esta divisão quadripartida abre caminho a uma audaciosa relação: os quatro estados de consciência

sem sonho. O silêncio, designado por Turiya, é o quarto estado de consciência. Os quatro estados reunidos formam o conjunto total global do Atman-Brahman dado pela sílaba OM [23]. Quando se pronuncia a sílaba OM, o som nasce, cresce e descreve em tonalidade, chegando finalmente ao silêncio total. O silêncio deve ser integrado ao conjunto total da sílaba mística. Analogamente, o mesmo ocorre com os quatro estados de consciência do ser, como transformações da existência única.

---

vinculam-se aos quatro "quartos" de *brahman-ataman*, aos elementos do *OM* e,..., aos quatro yuga".

[23] Ora, se formam o conjunto som, retomo a incompreensão na nota de roda pé n° 16. Zimmer socorre este sintetizador-reprodutor, no mesmo livro antes citado, agora à página 272: "...seria um erro dizer que AUM não existia enquanto o Silêncio reinava, porque então existia em potência. A manifestação real da sílaba, por outro lado, é efêmera e fugaz, enquanto o Silêncio permanece. Na verdade, o Silêncio está presente em outra parte quando num lugar se pronuncia AUM, ou seja (por analogia), está transcendentalmente presente durante a criação, manifestação e dissolução de um universo". Além do socorro oferecido, Zimmer sinaliza o vínculo com os quatro yuga, conforme informou Eliade na nota de roda pé n° 22.